

Sarney poderá mudar seu esquema de apoio

TARCISIO HOLANDA
Repórter Especial

O presidente Sarney está disposto a partir para a formação de novo bloco parlamentar de sustentação do Governo, se for inviável a hipótese de um entendimento com o PMDB e o PFL a respeito da duração de seu mandato, segundo a convicção que transmitiu a alguns dos políticos mais ligados.

Esses amigos manifestam preocupações pelo fato de Sarney não estar agindo como o animal político que é. Carregado de mágoas e ressentimentos, por achar que o PMDB o rejeitou e Ulysses está ansioso por ocupar seu lugar, "Sarney está reagindo como um ser humano, sem parar friamente para pensar e agir".

INCOMPREENSÕES

Se estão deterioradas as relações do Governo com o PMDB e, em particular, de Sarney com Ulysses, não se pode apresentar apenas as razões que invoca o Presidente da República para guardar as suas mágoas, mas, também, os motivos que levam muitos peemedebistas ortodoxos a cultivar ressentimentos da ação política do Chefe do Governo no PMDB.

Os históricos e os simplesmente ortodoxos, do centro para a esquerda, alguns gravitando em torno da liderança de Mário Covas, outros de Ulysses, outros ainda simplesmente autônomos e independentes, sustentam que Sarney já fez cinco tentativas ostensivas destinadas a promover divisões internas no PMDB, utilizando não apenas o líder do Governo na Câmara, Carlos Sant'Anna, como agora, com grande eficácia, mas os coordenadores de bancadas, cuja maioria se articula com os interesses dos seus respectivos governadores.

Alguns parlamentares que ainda dividem sua lealdade entre Ulysses e Sarney, mas que não estão dispostos a perder a fidelidade ao PMDB, trabalham intensamente para evitar o rompimento do Presidente da República com o presidente do PMDB e principalmente com o partido, procurando aproximar Sarney das lideranças partidárias.

Desse esforço já resultaram algumas conversas do Presidente, incluindo cafés da manhã, com o líder da bancada do partido na Câmara, Luiz Henrique. Paralelamente, essas pessoas tentam evitar a publicação de um manifesto, a esta altura com 115 assinaturas, do grupo moderado do PMDB.

Esse grupo, que o deputado Expedito Machado intitula de centro-democrático, seria o germe da divisão do partido e é motivo de grande irritação entre as lideranças partidárias. Sant'Anna é contrário à publicação do manifesto, sustentando

que ele deve ser guardado como o foi aquele preparado para dar sustentação à candidatura de Tancredo Neves (contra Ulysses) à Presidência da República.

— Esse documento é nossa arma — afirma o deputado baiano.

Qual seria a alternativa de Sarney caso não chegasse a um entendimento com Ulysses? Seus amigos afirmam que não teria outro caminho senão partir para a formação de um bloco a ser constituído pela facção moderada do PMDB, o PFL, a maioria do PDS, o PTB e PL, além de "outras adesões disponíveis".

No almoço que teve com Ulysses e Aureliano, terça-feira última, Sarney encareceu uma resposta urgente dos dois próceres a respeito da duração de seu mandato. Sarney deixou claro que, se não for possível obter resposta satisfatória de seus aliados, tomará uma iniciativa política unilateral, que é interpretada por seus amigos como a decisão de negociar diretamente com a maioria da Constituinte a fixação do atual mandato presidencial.

O Presidente reage como alguém ameaçado de um esbulho, que a tanto corresponderia a redução de seu mandato, para ele. Segundo alguns desses amigos, Sarney tem sido estimulado a reagir pela alta hierarquia militar ("tome decisões, Presidente, que nós o apoiamos"). Os amigos do Presidente aconselham-no a encarar o problema friamente, serenamente, a fim de que tenha condições de promover uma ação política eficaz.

Se houver um mínimo de articulação séria, com base nas próprias pesquisas que publicaram ontem o *Jornal do Brasil* e o *CORREIO BRASILIENSE*, Sarney terá condições de conservar os seis anos ou reduzir o mandato ao mínimo de cinco anos.

Sustentam os governistas que o mandato de quatro anos é defendido pelo grupo mais radical do PMDB, argumentando que não convém à maioria dos parlamentares o rompimento com o Governo. Para os governadores, o ideal seria o mandato de seis anos que lhes permitiria realizar razoável obra política e administrativa para se credenciar a alguma candidatura na próxima sucessão presidencial.

O último governador desgastado na área do Palácio do Planalto é o governador Waldir Pires, da Bahia, que teria decidido se solidarizar com o governador Miguel Arraes. Embora publicamente discreto, em face da nomeação de Joaquim Francisco para o Ministério do Interior, Pires teria sido muito firme na solidariedade a Arraes nos bastidores.

O governador da Bahia reflete uma posição oposicionista ao Governo, marcante na bancada federal baiana, que não perdoa a Sarney a manutenção de Antônio Carlos Magalhães no ministério das Comunicações, mesmo após a vitória estrondosa que o PMDB teve na Bahia. A decisão de Roberto Marinho de entregar a programação da Rede Globo de televisão à estação de Antônio Carlos, retirando-a do filho do senador Luís Viana Filho, agravou as relações da bancada baiana com Sarney. Dos 22 deputados federais baianos, só dois são fiéis a Sarney: Carlos Sant'Anna e Prisco Viana.

Se os governistas preparam-se para o conflito, do outro lado o ambiente não é diferente, o que aumenta as aflições do experiente Ulysses Guimarães. Seus amigos afirmam que o presidente do PMDB mostra-se constrangido com a versão de que deseja precipitar a sucessão presidencial para consolidar suas chances de candidato natural ou que almeje a posição de tutor de Sarney.

Um dos ministros mais ligados a Ulysses garante que o presidente do PMDB tem procurado ser correto com Sarney, tanto que, pessoalmente, defende o mandato de cinco anos, embora seja obrigado a adotar uma posição cautelosa nesse sentido para não ir de encontro a uma tendência que se firma em favor dos quatro anos dentro do Partido.

O entendimento em torno dos seis anos é remoto e muito difícil em volta dos cinco anos. O que fortalece a impressão de que o conflito é o mais provável com a perspectiva de uma decisão de Sarney de negociar diretamente com a maioria dos constituintes a questão do seu mandato.

A verdade é que o conflito entre os dois blocos no PMDB já foi declarado. A reunião da bancada do PMDB, a requerimento do deputado Miro Teixeira, a fim de analisar o explosivo tema do mandato, serviu para exibir verdadeira guerra entre os que se colocam ao lado de Ulysses e do partido e os que resolveram marchar com Sarney.

A reunião se esvaziou depois de tensas negociações de Carlos Sant'Anna e alguns dos seus coordenadores de bancadas, seja diretamente com Ulysses Guimarães, seja com o líder Luiz Henrique. Durante toda a reunião, Ulysses teve de ficar à mesa, enquanto o deputado Expedito Machado passeava exibindo ostensivamente uma pasta sob o braço na qual estaria um discurso atacando o presidente do PMDB.

A guerra terminou sem que fosse deflagrada de fato. O preço foi o total esvaziamento da reunião, o que custou ao presidente do PMDB longas reuniões e penoso esforço.